

Atramentis Vivas

Maio/ 2025

n.03



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Corpo Editorial: Sarah Venturim Lasso

Foto de capa: Kleber Galveas por Julia Leao

Periodicidade: Bimestral com temática sazonal

Tipo: Online

Ano: 2025

Semestre: 1

Mês: 05/2025

Endereço corporativo: Avenida Antonia Gil Veloso, Bairro Praia da Costa, cidade Vila Velha, Estado do Espírito Santo, CEP: 29.101-011

Nível de Conteúdo: Divulgação

Idioma do Texto: Português

URL (Endereço Web da publicação – quando for publicação On-line):

<https://atramentisvivas.com>

Assunto Principal (Área do conhecimento): Literatura: Ficção curta, poesia, e ensaios literários.

Título da publicação: Atramentis Vivas – Revista digital literária e cultural



Nota da editora

Caros leitores,

Nesta terceira edição da revista, atravessamos as fronteiras entre a literatura, a arte e a cultura visual. Escolhemos esse tema não apenas porque ele é belo ou instigante, mas porque acreditamos que existe uma potência criativa no encontro entre palavra e imagem.

A literatura sempre pintou mundos com palavras. Mas e quando ela encontra a arte que pinta com silêncio, forma, cor e gesto? O que nasce desse encontro? Não são respostas que buscamos aqui, mas provocações, interseções, ruídos e ressonâncias.

Nesta edição, temos o privilégio de publicar uma entrevista com o pintor e artista, Kleber Galveas, que transita entre o visual e o literário com naturalidade, revelando como um quadro pode carregar uma narrativa inteira em um só gesto de cor. Exploramos também a poesia concreta, os livros que são verdadeiras obras de arte, a história dos cruzamentos entre escritores e artistas, e propomos experiências que convidam você, leitor, a escrever com os olhos e imaginar com as mãos.

Queremos que esta edição seja lida como se observa um quadro: com tempo, com pausa, com curiosidade. Que ela desperte sentidos novos e, quem sabe, acenda em você a vontade de cruzar também linguagens.

Entre formas e frases, traços e versos, vamos redesenhar o que pode ser uma história. Com cores, palavras e entusiasmo,



Quando a Palavra Ganha Cor: A Literatura nas Pinceladas da Arte

Desde os primórdios da civilização, palavra e imagem caminham lado a lado. Antes mesmo da invenção da escrita, nossos ancestrais já contavam histórias por meio de pinturas rupestres.

A arte era linguagem, e a linguagem, um gesto visual. Essa relação primordial não apenas persiste, mas se reinventa constantemente. Hoje, mais do que nunca, a literatura e a arte plástica se entrelaçam, criando espaços de expressão onde a palavra ganha cor e a imagem, voz.

A Influência da Literatura na Arte

Movimentos artísticos como o Romantismo, o Simbolismo e o Surrealismo foram profundamente influenciados por obras literárias. Os poemas de Baudelaire ecoam nas pinturas de Gustave Moreau. As visões oníricas de Lautréamont inspiraram o gesto radical dos surrealistas. Salvador Dalí, por exemplo, via em Freud e em escritores como Lewis Carroll e Edgar Allan Poe chaves para expandir sua pintura para o universo do inconsciente.

A arte se alimenta da literatura não apenas em temas, mas em atmosferas, estruturas e intenções. A narrativa se traduz em imagem quando o artista visual absorve o universo simbólico de uma obra e o ressignifica em tela, escultura ou instalação. É nesse processo que a literatura “pinta”.



A Palavra como Imagem

A poesia concreta, surgida no Brasil na década de 1950, levou essa relação a um novo patamar ao tratar o texto como forma visual. Os poetas concretistas não apenas escreviam, mas desenhavam o poema na página. O significado se dava tanto pelo conteúdo quanto pela forma tipográfica. Era uma poesia que se lia com os olhos e se via com a mente.

Esse movimento também reverberou nas artes visuais. Artistas passaram a brincar com letras, palavras, livros abertos como objetos esculturais. Livros tornaram-se telas. Letras viraram tinta. A interseção deixou de ser ilustração e passou a ser fusão.

Quando Artistas e Escritores se Encontram

A história também guarda encontros criativos inesquecíveis. Pablo Picasso ilustrou livros de poetas. Matisse recortou suas cores para acompanhar versos. No Brasil, Jorge Amado teve obras ilustradas por Carybé, criando uniões tão simbólicas quanto sensoriais. Quando um artista visual interpreta um escritor, ele não apenas traduz, mas expande o texto. O livro, então, deixa de ser apenas lido: ele é visto, sentido, exposto.

Leitura em Cores

No mundo contemporâneo, onde imagens têm tanto poder quanto palavras, a fusão entre literatura e arte visual se intensifica. Livros ilustrados para adultos, romances gráficos, instalações literárias, performances que misturam leitura e pintura são expressões de uma nova sensibilidade. Uma sensibilidade que comprehende que a literatura não precisa estar confinada a linhas pretas sobre fundo branco.

Quando a palavra ganha cor, ela não perde sua força – pelo contrário, ela se abre para outros sentidos. Ela pinta o pensamento, traça sentimentos, cria atmosferas que ultrapassam a gramática.

Neste encontro entre palavra e imagem, nascem experiências estéticas que são, ao mesmo tempo, leitura e contemplação. Afinal, um poema pode ser uma paisagem. E um quadro pode esconder um romance inteiro entre as cores.



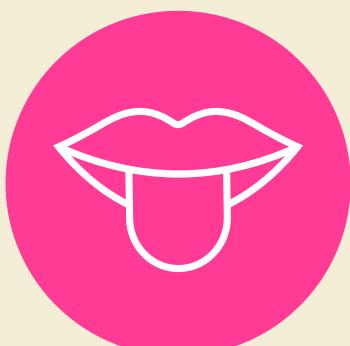
Palavra, Imagem, Som: A Literatura e a Arte como Experiência Multissensorial

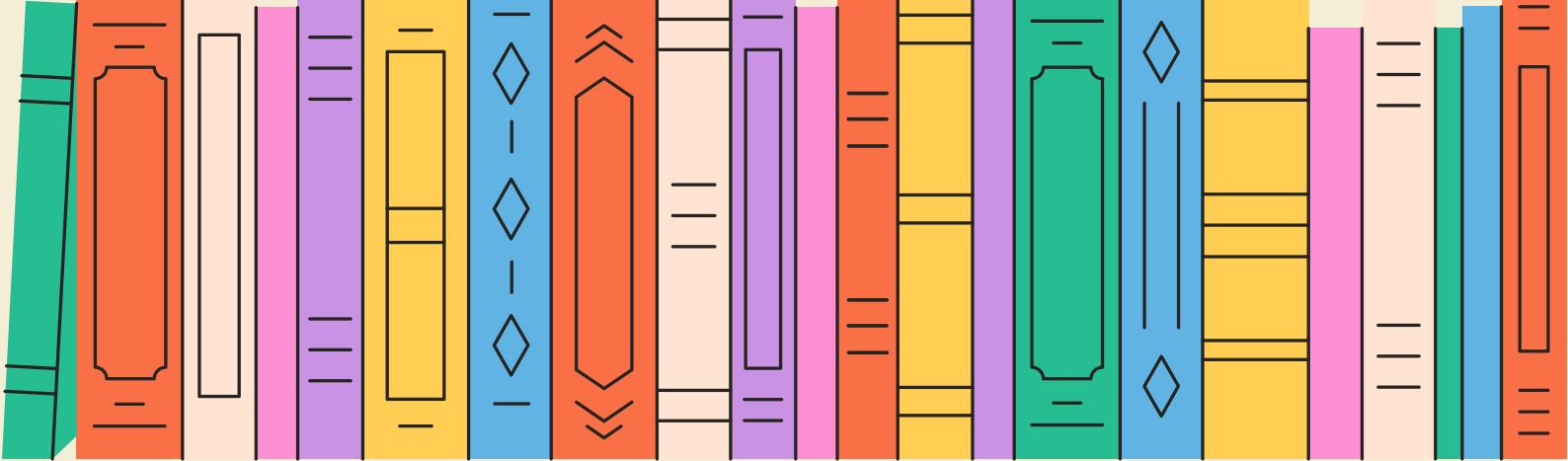
Ler é, à primeira vista, um ato silencioso, visual, mental. Mas e se dissermos que a literatura também pode ser ouvida, tocada, cheirada? E que a arte pode ser lida como um poema? A interseção entre arte e literatura se expande quando compreendemos que a experiência estética é, na essência, multissensorial.

A Leitura com o Corpo

Desde as vanguardas do século XX, artistas e escritores vêm questionando a ideia de que a arte se dirige apenas aos olhos e a literatura apenas à mente. O movimento Fluxus, por exemplo, propunha experiências artísticas que envolviam som, gesto, participação do público e elementos do cotidiano. Nessa tradição, a leitura deixa de ser um ato passivo e se transforma em uma performance.

A poesia falada, o slam, os audiolivros com trilhas sonoras originais, as instalações literárias e as peças de teatro baseadas em romances ou diários são formas de literatura que nos atravessam pelo som, pelo espaço e até pelo tato. A palavra deixa a página e entra em cena, vibra, pulsa, ressoa.





Livros para Sentir

Existem livros que não se contentam em ser lidos: querem ser sentidos. Livros-objeto, livros-arte, publicações que exploram texturas, formas, cheiros e interatividade reinventam o modo de experimentar a leitura. Um papel mais áspero ou perfumado, uma tipografia que se move conforme o leitor manuseia o livro, tudo isso cria uma relação íntima entre corpo e texto.

Artistas contemporâneos têm trabalhado com essa ideia de literatura expandida. Em performances literárias, a voz do autor é acompanhada por luzes, sons e gestos. Em exposições, fragmentos de textos ganham vida em paredes, sons ambientes e vídeos.

A Palavra que Toca

Há algo de profundamente físico na palavra. Ela vibra nas cordas vocais, ecoa no ouvido interno, desencadeia imagens mentais e, às vezes, reações físicas: o arrepio, o riso, o choro. Quando combinada com imagem e som, essa potência se intensifica. A literatura se torna uma arte sinestésica, um campo fértil de estímulos que nos atinge por todos os lados.

Essa abordagem multissensorial abre portas para novas experiências de leitura e de criação. E nos lembra que a arte e a literatura nunca foram separadas por muros rígidos. Elas se tocam, se atravessam, se misturam.

No fim das contas, talvez ler nunca tenha sido só ler. Sempre foi ver, ouvir, imaginar, tocar. Sempre foi sentir.

Sinestesia Literária: Leia com os Ouvidos, Escute com os Olhos

E se um poema tivesse sabor? E se um parágrafo de um romance soasse como uma nota musical ou parecesse envolver o leitor com o perfume de uma lembrança? Em um universo onde a arte se funde com a sensação, a sinestesia é uma chave que abre portas inesperadas entre os sentidos. Na literatura, ela não é apenas um recurso estético: é uma experiência.

Sentir o Texto, Literalmente

A sinestesia é um fenômeno neurológico raro onde um estímulo sensorial ativa simultaneamente outro. Mas no campo da arte e da linguagem, ela se transforma em uma ferramenta criativa poderosa. Escritores usam combinações improváveis de sentidos para ampliar o impacto emocional da linguagem. Palavras ganham temperatura, ritmo, densidade.

Ao dizer que uma palavra é "aveludada", que um som é "azul" ou que uma imagem é "estridente", o texto convida o leitor a atravessar a lógica e mergulhar no sensível. Poetas como Arthur Rimbaud e Cecília Meireles exploraram esse recurso com maestria. No poema "As Vogais", Rimbaud associa cada vogal a uma cor. Cecília, com sua leveza, torna o som e o silêncio matérias tátteis e visuais.



O Leitor Sinestésico

A proposta aqui é radicalizar: e se lêssemos com os ouvidos, escutássemos com os olhos, degustássemos com a pele? Um texto pode ser uma sinfonia visual.

Uma palavra pode ser uma textura.

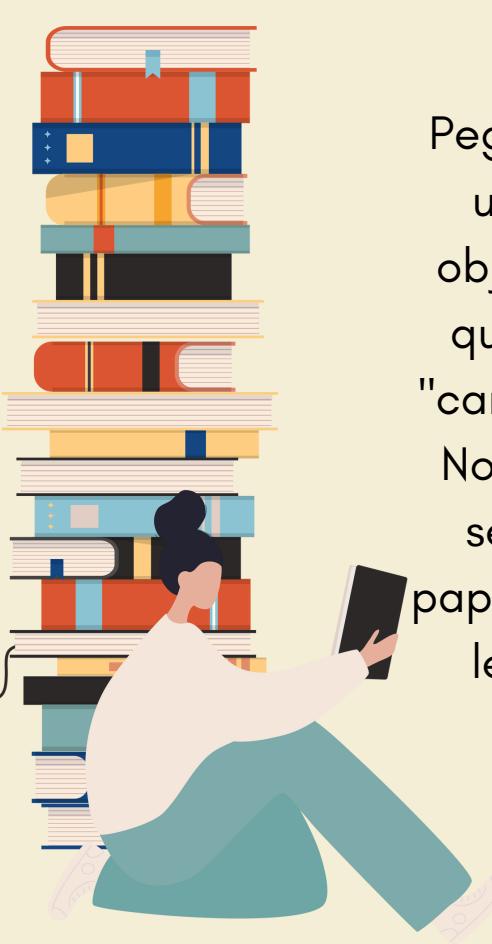
Experimente:

Leia um trecho de Clarice Lispector e anote que tipo de cor ele te evoca.

Escolha um poema de Manuel de Barros e pense: ele seria quente ou frio ao toque?

Releia uma cena intensa de um romance e associe-a a uma trilha sonora.

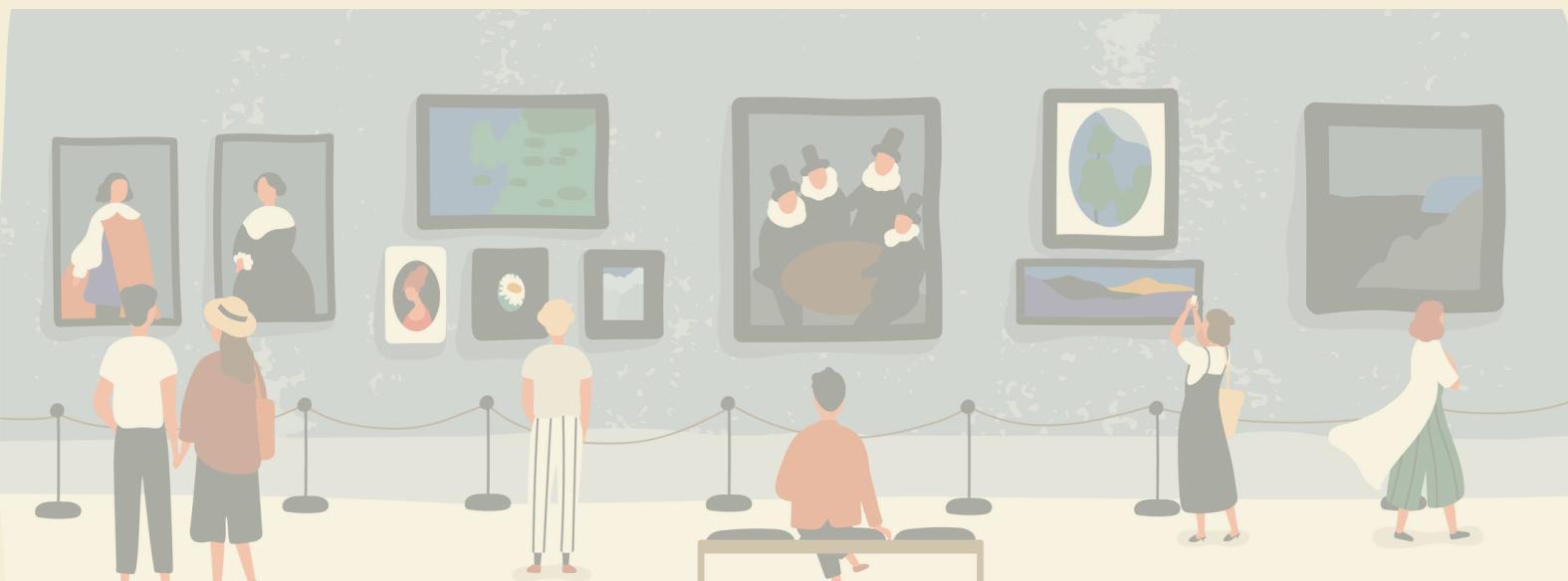
A literatura se torna, assim, um espaço de sinestesia ativa. Cada leitor é um compositor de sentidos. Cada leitura, uma obra multissensorial única.



Um Exercício

Pegue um objeto cotidiano: uma xícara, uma janela, uma folha. Agora, escreva uma descrição desse objeto sem usar a visão. Fale sobre como ele "soa", qual seria seu "cheiro emocional", que palavra ele "cantaria". Esse é o início de uma escrita sinestésica. No fim das contas, a palavra é corpo, é pulsante, é sensação. E quando ela transborda os limites do papel, ela nos toca de forma nova e inexplicável. Não lemos apenas com os olhos. Lemos com o corpo inteiro.

A Exposição que Nunca Aconteceu: Ecos de uma Galeria Invisível



Em algum lugar entre as palavras e as imagens, aconteceu uma exposição. Não houve abertura oficial, nenhum cartaz foi colado pelas ruas, nenhum curador foi anunciado. Ainda assim, os visitantes chegaram. Vieram em silêncio, guiados por um convite que ninguém viu. Entraram numa galeria feita de texto e imaginação, onde cada obra era uma ponte entre literatura e arte.

Salão I: Quadros Inacabados de Livros que Nunca Foram Escritos
O primeiro salão abrigava telas misteriosas: paisagens que pareciam ter saído de um romance perdido. Uma delas, "A Casa que Sussurrava Cinza", era inspirada em um livro jamais publicado de uma autora esquecida. A pintura tinha uma porta entreaberta. Os visitantes juravam ouvir vozes lá dentro.

Salão II: Palavras em Estado de Matéria
Nesse espaço, as palavras ganhavam volume, textura, corpo. Uma instalação chamada "Conjunção" flutuava em letras de acrílico suspensas por fios invisíveis. Cada letra girava com o vento dos passos. Um visitante disse que leu um poema inteiro apenas observando a dança das formas.

Salão III: Manuscritos Pintados

Aqui estavam os diários ilustrados de personagens fictícios. Um caderno de capa bordô, assinado por um certo R. Q., trazia desenhos de um amor que não existiu. Ao lado, uma tela branca era pintada, aos poucos, por um projetor que reagia às emoções dos visitantes.

Choros não documentados pintaram traços azuis.

Salão IV: Livros Desfeitos

No centro da galeria, uma vitrine exibia livros desconstruídos: um romance cuja história estava gravada em tecidos costurados, uma novela escrita em espelhos. Uma obra sem título consistia em folhas de papel que se autodestruíam lentamente, revelando versos escondidos nas cinzas.

Críticas que Nunca Foram Publicadas

Nos dias seguintes à exposição, circularam resenhas anônimas. Uma delas dizia: "Nunca vi palavras sangrarem tão bonito". Outra afirmava: "Saí de lá sem saber se li uma imagem ou vi uma história". Nenhum jornal registrou os eventos. Nenhuma fotografia foi tirada.

E o Fim?

A exposição se encerrou da mesma forma como começou: sem alarde. Talvez nunca tenha acontecido. Talvez esteja acontecendo agora, dentro desta página, nos olhos de quem a lê. Porque certas obras não precisam de parede, apenas de presença. E de um leitor capaz de ver com palavras.

Glossário Afetivo das Cores e das Palavras

Nem todas as cores têm nome. Nem todas as palavras são suficientes. Algumas só fazem sentido quando emparelhadas — uma cor com um sentimento, uma palavra com uma sensação, um tom com um ruído.

Neste glossário, as definições não são exatas. São poesia em estado bruto.

Azul — Silêncio suspenso entre duas memórias.

Vermelho — Palavra não dita, atravessando o peito em espiral.

Amarelo — Grito contido na borda da alegria.

Verde — Espera que respira.

Roxo — Vontade de desaparecer com elegância.

Cinza — Lembrança sem data, embrulhada em poeira.

Preto — Ponto final que hesita.

Branco — O que se escreve antes de escrever.

Eco — Palavra que se recusa a morrer.

Areia — Tempo em estado tátil.

Rasgo — Frase que não coube no corpo.

Vertigem — Leitura em queda livre.

Riso — Pausa entre duas verdades.

Tinta — Sangue disciplinado.

Janela — Parágrafo aberto para o lado de fora.

Este não é um dicionário comum. É um convite a ler o mundo com olhos misturados. Aqui, as palavras sentem. E as cores falam.

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

(Conteúdo na íntegra)

Julia:

O que te inspirou a seguir a carreira de artista e quando você percebeu que a arte era sua vocação?

Kleber:

Olha, na verdade eu tentei fugir disso várias vezes, né? Eu comecei a fazer medicina, fiz um ano de medicina e vi que não era minha praia cair fora. Mudei para um curso em gravura e metal na Fundação Calúcio Gulbenkian, lá em Lisboa.

Aí voltei para o Brasil. O único vestibular que tinha ainda, naquele tempo eram datas diferentes, diferentes cursos, era o de economia. E como eu tinha minha mãe, era delegado do Ministério da Fazenda, o meu primo era ministro, eu falei, opa, prato feito. E no primeiro e no segundo ano de economia eu estudei muito, ganhei admiração dos meus professores, porque eu estudava mesmo. E só que quando chegou no terceiro ano, eram matérias genéricas, era Geografia Econômica, História Econômica, eu gostava daquilo, estudava mesmo. E o professor falou, ó, quando você formar, vai trabalhar comigo, hein? Tudo bem, quando chegou no terceiro ano, entrou em Contabilidade, aí eu falei, não, não é pra mim, não quero saber de ficar a minha vida inteira mexendo com números.

Eu vou cair fora disso. Aí quando eu falei pra minha mãe, ela teve um argumento muito forte que me fez continuar e me formar em economia. O argumento dela era o seguinte, meu filho, você já largou um curso, esse você já tá na metade, termina, porque se um dia você for preso, você tem prisão especial. E aí eu levei. Terminei o curso, fui trabalhar com o meu ex-professor, trabalhei três dias como economista, quarta, quinta e sexta, chegou um amigo meu, Rogério Abreu, dos Estados Unidos, louco por arrumar um emprego, eu pensei, vamos lá segunda-feira, ele foi comigo, eu passei o emprego pra ele, e aí, Resolvi voltar para a pintura, eu sempre voltava para a pintura, mas quando eu vi a situação do Massena, Romero Massena, um grande artista que fez exposições inauguradas pelos governadores de estado em todos os estados do leste do Brasil, de Pernambuco até o Rio Grande do Sul, e vivia muito modestamente, para não dizer na pobreza, lá na Prainha. E eu falei, meu Deus, eu quero ter uma família, e aí como é que vai ser? Uma cena com esse currículo, com a capacidade de produzir extraordinárias obras da melhor qualidade.

Até chegar nisso eu morro de fome. Aí voltei a estudar. Fui lá para a oficina e fiz licenciatura em ciências físicas e naturais, achando que eu poderia trabalhar meio expediente como professor e o resto do dia pintar. mas eu vi que não conseguia as duas coisas. Depois de cinco anos como professor e ver a decadência da qualidade do ensino no Brasil e também da remuneração dos professores, para você ter uma ideia, eu comprei essa casa com salário de professor. Hoje o professor não compra nem um barraco.

Eu fiz a primeira greve do Espírito Santo no tempo da ditadura militar.

E fui pra lá, pra porta da escola, e convoquei as televisões. Só foi uma televisão, a Gazeta. E aí eu disse, olha, não entro mais nessa escola por causa disso, disso e disso. E nunca mais fui ser professor. Aí resolvi, casei, né, e resumi, assumi mesmo essa de ter uma vida modesta, né, mas fazer o que eu gosto.

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Julia:

Que legal!

Kleber:

E que sempre gostei desde criança. Eu entrei nessa história porque um dia pintaram a minha casa lá na Prainha, em Vila Velha, de acordo com a moda dos anos 60. Uma sala era pintada com duas paredes vermelhas e duas paredes azuis. Outro quarto, amarelo, amarelo, verde, verde. Ia ser muito colorido nos anos 60. E aí sobraram várias latas de tinta com um pouquinho de tinta óleo. Eu arranquei a parte de trás do guarda-roupa que tinha no meu quarto e pintei uma marinha, até parecida com a praia da concha. Minha mãe tinha estudado pintura com a irmã Teresa na escola do Carmo, E lá em casa tinha quadros da minha mãe. Inclusive tem aqui, eu posso te mostrar. E ela olhou aquilo e falou assim, ah, meu filho, tá muito bonitinho isso. Eu vou levar pro Marcena ver. Que meu pai era parceiro de pôquer do Marcena. E minha mãe é muita amiga da mulher dele, da dona Edith. Minha mãe botou aquilo debaixo do braço e levou lá pro Marcena ver.

Aí o Marcena falou com ela, Traz aqui esse menino, porque ele leva jeito, Esther." Aí minha mãe falou comigo. Eu, muito tímido, fui lá pela primeira vez. Mas depois, ele era uma pessoa incrível. Ele te recebia, assim, como se fosse um velho amigo seu, sabe? E não fazia diferença, com 12 anos, de um adulto.

Conversava animadamente.

E aí eu passei a frequentar. o ateliê dele. Nunca fui um aluno dele, porque nunca tive aulas com horário. A gente sentava às vezes para jogar baralho, conversando, ele pegava o papel onde estava anotando os potes, e nesse papel ele desenhava alguma coisa para me ensinar sobre perspectiva, sobre equilíbrio. E aí foi esse começo.

Julia:

Que legal.

Kleber:

Aí logo eu participei em 1966, esse quadro foi pintado em 1965, com piche, com asfalto, tirado da champanhar. Foi um asfalto muito mal feito, quando já dava um dia de sol quente, o asfalto derretia, eu raspava com um pedaço de pau, dissolvia com querosene e pintava meus quadros. Essa foi uma coleção que eu fiz de tipos nacionais. Esse quadro participou do primeiro Salão Nacional de Artes Plásticas do Espírito Santo, em 1966. E aí teve um sucesso porque o americano... eram trezentos e tantos quadros de artistas do Brasil inteiro, né? E um dos meus foi vendido pra um americano.

Aí isso repercutiu na mídia provinciana aqui do Espírito Santo, né? O americano comprou quase... E aí, muito bem, eu fui convidado pra pintar dois painéis anestesiologia no Ciribeira, em Guarapari. Ganhei um milhão e meio. Era um dinheirão, dava para comprar um ou dois carros. Eu falei, meu Deus, eu vou comprar, eu estava com 18 anos. E eu acabei sendo contratado para organizar todos os estandes das empresas multinacionais, Tacaoca, Lili e tal. E ganhei esse dinheiro gordo, né?

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Julia:

Que legal!

Kleber:

Aí eu falei, sabe uma coisa? Eu vou queimar esse dinheiro nas Oropas.

Com 18 anos, né? Fui pro Rio, arrumei carona num navio mercante do Lloyd, né? Aí embarquei nesse navio e lá fui eu.

Saltei lá em Barcelona. De Barcelona eu fui pra Portugal e passei dois anos pelo norte da África, Europa Ocidental, Inglaterra. que legal visitando todos.

Julia:

Como você descreveria o estilo das suas pinturas? E quais as influências que mais impactaram o seu trabalho?

Kleber:

Primeiro minha mãe, depois Homero Massena, depois um artista português chamado Peniche Galvez e tudo aquilo que eu via naqueles museus fabulosos pela Europa, pela Pinacoteca de São Paulo e o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Então foi uma aprendizagem de diversas áreas. que eu pinto é de acordo com a necessidade de expressar a ideia que se construiu na minha cabeça. Quando eu vim morar na Barra do Jucu, eu presenciei a destruição da ecologia, das matas, do ambiente que ficava a Barra do Jucu, que era uma pequena colônia de pescadores. Não tinha nem uma rua calçada e o mato chegava aqui no fundo da minha casa. Não tinha rodovia do sol, não tinha nada disso. E eu presenciei essa destruição.

Então eu danei a pintar paisagens do ambiente aqui com a ideia de expor essas paisagens em grandes centros como Vitória, e os donos dessas áreas terem mais consciência na hora da ocupação, preservar alguma coisa do que está lá, porque coisas interessantíssimas, Samum, Atajib Buia, Éricas, Milomi, etc., plantas. Às vezes tinha plantas ali que floriam, se cobriam todas de branco, o perfume delas, você sentia assim a... centenas de metros de distância, né? E a pessoa arrancava aquilo que tava ali, que não precisava de água, que não precisava de nenhum cuidado, que era resistente às pragas, né?

Pra depois fazer um gramado, fazer uma piscina, fazer... Então, quando eu fui convidado para dar um curso de arte lá na Universidade Federal de Goiás, e que eu queria contar a história do Espírito Santo, nesse primeiro série eu fui impressionista. A minha impressão do ambiente, as paisagens daqui do ambiente. Mas quando eu fui pra fora, pra contar sobre a minha experiência, as coisas da minha vida, eu fui expressionista. Enquanto o impressionista coloca na tela as experiências, as impressões dele, o expressionista faz narrativa, conta histórias. Então eu fiz um quadro, era uma homenagem ao Augusto Rusck, dos beija-flores, uma gaiola explodindo, um beija-flor saindo da gaiola. Fiz homenagem ao meu sogro, que foi quem criou o Festival da Canção Italiana aqui no Espírito Santo.

Fiz homenagem a vários ícones capixabas e expus isso no Palácio de Cristal, lá em Brasília, durante o tempo que eu dei o curso de artes lá. Mas, às vezes, quando eu quero me distrair, me divertir com cores e formas, aí eu sou abstrato.

Então, eu não tenho... O estilo é de acordo com o que eu quero contar, o que eu construí na minha mente. E aí a técnica obedece.



Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Julia:

Que legal! É mais pelo como vem a sua inspiração no momento. Às vezes, como você está, o que você está querendo representar. Bem legal.

O processo criativo varia muito de artista para artista.

Como funciona o seu? Você segue uma rotina ou espera a inspiração surgir?

Kleber:

Olha, eu espero a inspiração surgir, porque sem inspiração, sem uma ideia, não adianta. Você pegar o pincel que ele não te obedece. Então, eu vou construindo uma ideia. Às vezes, baixa um santo. Eu sou abstrato. Às vezes, é um outro santo mais suave, mais harmônico. Eu gosto de pintar. Eu gosto de pintar tudo. Tudo que me vem na cabeça. E é a melhor maneira de eu me expressar. Eu escrevo bastante. Já publiquei três livros, mas é com extrema dificuldade. Eu reescrevo o que eu escrevo duas, três, quatro, cinco, dez vezes e nunca estou absolutamente satisfeito como eu fico quando eu conculo um quadro. Quando eu acabo de pintar um quadro, se ele me agrada, acabou-se. É isso. Já a escrita, não. Então, são... São maneiras de fazer arte porque arte não é a obra em si.

A obra muito bem feita, muito caprichada, muito direitinha, é virtuosa. O artista é um virtuose, é um virtuosista. É uma obra virtuosa. Agora, a arte, na verdade, é o que isso que o artista fez vai acontecer no espírito de uma outra pessoa que está observando. A natureza da arte é semelhante à do amor. Existe amor de uma pessoa só? Amor é o quê?

É o tipo de relação que se estabelece entre as pessoas. E a arte é o tipo de relação que se estabelece entre a obra produzida pelo artista e o observador. Perfeito.

Julia:

Nossa, é impecável. Que resposta bonita. Gostei dessa resposta. Suas obras costumam carregar mensagens ou sentimentos específicos? Há algum tema recorrente que você gosta de explorar?

Kleber:

Com certeza. A Vale, a Vaca e a Pena é um projeto que a gente desenvolve há 29 anos. 29 anos, todos esses anos, esses últimos 29 anos, porque isso começou em 1997, a gente pega uma tela branca, coloca sobre uma mesa, Espera a poeira que está na atmosfera durante 50 dias pousar sobre essa tela e com o dedo esfregando essa poeira a gente faz desenhos criticando a poluição atmosférica. Isso é uma provocação artística, não é uma experiência científica, é uma provocação artística para provocar quem? O governo, a mídia, nossas universidades, nossas escolas técnicas, enfim, a população, para reagir contra esse problema. A poluição das siderúrgicas instaladas assota vento, o pior lugar que podiam escolher pra instalá-la, ninguém é contra a siderurgia, isso é importantíssimo pro Espírito Santo, pra Vila Velha, pro Brasil. É muito importante que ela prospere, mas com respeito à comunidade, porque ela gera um problema para a saúde pública, é o principal problema de saúde pública na nossa região, chamada siderose. Tá lá no Ministério da Saúde, tá na Universidade de São Paulo, explica o que é siderose.

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Kleber:

São vários males que as pessoas acham que o mal da poluição atmosférica atinge só o pulmão, mas não. É o cérebro, é a circulação, é o intestino, é o corpo todo, a pele. Então esse é um tema Muito recorrente. Esse de crítica, buscando uma ação social. Agora, o outro que eu gosto muito de explorar são essas flores que eu inventei, que elas são coloridas alegres. É para despertar alegria nas pessoas. Olhar aquelas flores, aquela brincadeira com vermelho, amarelo, violeta, enfim. É pra mexer com o lado lúdico e alegre das pessoas. Então, de acordo com o santo do dia, a gente reza.

Julia:

Muito bom. Você acredita que a arte tem um papel social? Como suas obras dialogam com essas questões contemporâneas?

Kleber:

Olha, o artista é intrinsecamente um político. Porque ele se comunica, ele produz para as pessoas verem, para as pessoas apreciarem e se sensibilizar. Isso é fazer arte, é sensibilizar as pessoas. Muito bem. Esse caso que eu te contei da poluição atmosférica é uma atitude política. A gente está despertando as consciências era um problema de saúde pública, o principal que nós temos aqui. O artista...

Ele nunca deve ser partidário para preservar a liberdade para crítica. Porque se você se associa a um partido, quando você deixa a sua plataforma cultural, que é a plataforma do artista, assim como do padre e do pastor, a plataforma religiosa, então quando o pastor também, o padre, deixa a plataforma religiosa e assume uma atitude político-partidária, ou o artista faz isso, ele fica limitado, ele se torna um ser híbrido, ele perde a força da ética que ele deve preservar pela função social que ele tem. E a gente procura preservar isso a todo custo, sabe? E às vezes é mal entendido, é perseguido, mas... Eu não lembro muito bem da pergunta, se eu abordei?

Julia:

Foi, praticamente respondeu muito bem. A pergunta é... Você acredita que a arte tem um papel social? Foi o que a gente falou. E como as suas obras dialogam com essas questões contemporâneas?

Kleber:

A gente está sempre se metendo nas histórias. Aqui, por exemplo, um terreno do estado que está abandonado há 12 anos, que custou caro, que foi comprado num particular, gerando a maior fonte de mosquitos da Barra do Jucurco. Enquanto o governo gasta uma fortuna fazendo propaganda para dizer para as pessoas não deixarem tampinha de garrafa no quintal e plástico. É importante que tenha esse aceio à população. Mas o maior foco é aqui do lado, que é um matagal de dois metros de altura e que fica inundado de água embaixo. É o maior produtor. A gente já fez várias ações para chamar a atenção, despertar o interesse do governo para cuidar disso aqui.



Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Kleber:

Agora, por exemplo, já que era NEMA, Jacaranema, quem inventou fui eu. Um dia eu vim pra casa e vi pegando fogo no Jussara, que eu queria preservar, porque era uma mata singular. Em todo o litoral do Espírito Santo, parecia uma floresta amazônica, porque era uma mata de inundação. Um dia eu cheguei e vi ela pegando fogo.

Isso é 1975, 1976. Aqui na barra não tinha telefone, nem orelhão, não tinha telefone. E aí eu voltei no posto dos guardas e falei, senhor, o Jussara tá pegando fogo. Ah, é? É lá, é mesmo, aí tá um fogo alto. Pois é, liga pro corpo de bombeiro pra eles virem apagar. O senhor é o proprietário da área?

Não, sou proprietário. Qual o interesse do senhor na área?

Tinha que preservar. É uma mata... Olha, o senhor vai me desculpar, mas o rádio nosso aqui não é pra isso não. E não ligarem, o Jussara pegou fogo. Depois de ter sido delapidado, etc., roubaram até a terra vegetal, as samambaias gigantes foram transformadas em sashim, várias espécies que tinha lá, inclusive de animais, tamanduá, mirim, chupati e acabaram com tudo. Aí eu falei, temos que defender o Jussara, o Jacarenema. Aí juntei o pessoal da banda de Congo, liguei para a aviação Alvorada, conversei com o dono, expliquei pra ele a situação, pra ele ceder um ônibus.

Ele mandou o ônibus vir aqui, botamos o pessoal do Congo, que a gente tinha ressuscitado, fomos fazer a manifestação da prefeitura. O prefeito vazou pela porta do sul da prefeitura, mas nós na véspera tínhamos divulgado que nós íamos fazer essa manifestação. Só foi uma repórter, a Violene de Carvalho, A repórter Colibri, do Ronda da Cidade. Era um programa policial que tinha, mas ela era uma baixinha que se vestia igual a Indiana, e invocada.

O prefeito não está aqui? Vamos lá na casa dele buscar ele. Aí foi lá, buscou o prefeito. botou o prefeito lá na praça, o prefeito mandou chamar o procurador da prefeitura, ouviu a nossa reivindicação pelo tombamento, pela desapropriação, e mandou o procurador fazer a desapropriação.

Só que nunca pagou. Então, cinco anos depois, a coisa caducou. Aí eu era membro do Conselho Estadual de Cultura, quando aquilo era uma coisa séria. Eu era colega do Rusc, da... Beatriz Zabalri, do Fernando Akeamedo, do Fernão Monhães, do ex-diretor do Centro de Arte da UFES, Paulo César Magalhães. E aí, nós conseguimos. Tombaram o Jacaranema como patrimônio público, né?

E aí, meu Deus, parece que já destombaram pra fazer esse parque. E aí, como diz a música do carnaval, concretaram o Jacaranema.

Julia:

100%.

Kleber:

Deus sabe o que vai. Olha, quando eu coloco uma foto do neto, ou uma coisa engraçadinha, ou uma coisa trágica, no Facebook, no Instagram, tem centenas, às vezes, de likes. Quando eu boto sobre a poluição, quando eu coloco uma coisa séria, às vezes não atinge meia dúzia. O pessoal se é covarde aqui, que é uma coisa incrível.

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Julia:

É, isso é verdade. Isso é verdade.

Kleber:

As lutas não prosperam.

Julia:

Vamos à sexta pergunta. Acabando, só tem mais duas. Essa e mais uma. Qual foi a obra mais desafiadora que você já criou e por quê?

Kleber:

Olha, eu, com certeza, essa coleção do Avalia Vaca é a pena, né? Não sei se ela causou impacto, porque o resultado na internet é pígio. Pígio. Pouca gente apoia, porque muita gente... Uma vez eu expus esses quadros na calçada, em frente à minha galeria, lá na Luciana das Neves, onde passava todo mundo que vinha do convento durante a Festa da Bem, milhares de pessoas. Uma dessas, uma senhora aí dos 50, 60 anos, parou em frente, botou a mão na cintura e aos gritos, ela falava tão alto que a procissão, procissão não, aquele bolo de gente parou pra ouvir. Seu engraçadinho, você fica aí com esses negócios, essa perseguição com a Vale do Rio Doce?

A Vale do Rio Doce é que botou comida na mesa dos meus pais, que botou comida na mesa, que bota comida na mesa dos meus filhos lá em casa e você fica com essas gracinhas aí. E aí ninguém vai ou não.

Julia:

Só mais uma, a última. Quais são os seus próximos projetos e como você enxerga sua evolução como artista nos próximos anos?

Kleber:

Olha, a gente tá sempre evoluindo, com certeza, né? A gente tá sempre vendendo novidades, né? Hoje, por exemplo, eu vi lá no Facebook um colega aqui de Vila Velha, um rapaz lá de Santa Rita, que aprendeu a pintar, sentado na calçada vendendo o pessoal pintar letreiros. Roger Jackson, o nome dele. O Roger é um artista extremamente talentoso, e ele está preparando uma exposição agora para a Festa da Penha. O tema dele é o Convento da Penha, de vários ângulos, em várias situações, muito interessante. E a gente sempre aprende, mesmo com os novatos.

Sempre tem alguma coisa que a gente pode pescar ali para enriquecer a experiência da gente. O meu próximo projeto, o projeto que eu ambiciono demais, porque toda a minha vida, todo o dinheiro que eu tive, depois de comprar comida, depois de pagar a conta de água e de luz, foi para comprar obras de arte. Então, eu tenho um acervo Muito, muito rico. Tem quadros portugueses de 1816, com mais de 200 anos. Bandeiras de procissão lá de Portugal. Gravuras inglesas, que foram meus professores. Tem um acervo variado e muito grande.

Entrevista com Kleber Galveas

Por Julia Leao

Transcrita por Claudia Araujo

Kleber:

Então, o meu grande projeto é um dia conseguir montar um museu de arte, em homenagem à minha mãe. Criar uma fundação chamada Exóg, Esther de Sá Oliveira Galvez. Em homenagem a ela, que foi quem me iniciou, quem sempre me apoiou, embora não concordasse com nada. Meus irmãos são dois médicos, são dois engenheiros e dois agrônomos. E eu sou a ovelha negra. Você é um grande artista. E o pior é que eu era o mais velho desses seis.

E minha mãe nos criou sozinha. Meu pai era médico, mas eles se separaram, ele foi para o Paraná. E ela é que manteve a casa, que manteve os irmãos unidos, muito unidos. E eu queria fazer uma homenagem a ela, que era uma pessoa muito sensível, uma pessoa extraordinária. E criar esse museu com esse acervo que eu juntei a minha vida toda.

Julia:

Que legal!

Kleber:

Agora que eu tô na reta final, tá parecendo que isso não vai ser possível não.

Julia:

Vai sim! E eu vou visitar! Tenho certeza! Kleber, muito obrigada!

Museu de Palavras Mortas

Nem toda palavra morre. Algumas apenas dormem, esquecidas nos cantos da língua, cobertas por pó de silêncio. Outras, nunca chegaram a nascer de fato, mas existem na alma de quem sente o que ainda não tem nome.

Este museu é dedicado a elas: palavras que sumiram dos dicionários ou que nunca foram incluídas. Palavras fantasmas. Palavras sementes.

Abissolento

substantivo. Estado de calma que vem depois de um choro longo. Uma paz molhada.

Tendual

substantivo. O som que uma página faz quando hesita em virar.

Desouvejo

verbo. Ato de parar de escutar algo que nos machuca, mesmo quando ainda está soando.

Luzúria

substantivo. Desejo de ver o mundo por dentro. Curiosidade que atravessa paredes.

Refluir

verbo. Voltar lentamente para dentro de si após se expandir demais.

Afluirado

adjetivo. Estado de quem sente demais e tenta esconder com elegância.

Esquimável

adjetivo. Capaz de ser esquecido com doçura.

Entrevento

substantivo. O instante entre dois ventos, onde não há som, nem ar, apenas espera.

Veuz

substantivo. Barulho imaginário que algumas memórias fazem quando voltam.

Este é um museu que não tem paredes. Suas peças vivem nas margens dos livros, nos sonhos não contados, nos silêncios carregados de sentido. Aqui, você pode tocar nas palavras sem medo de acordá-las.

Quadros que Não Precisam de Moldura

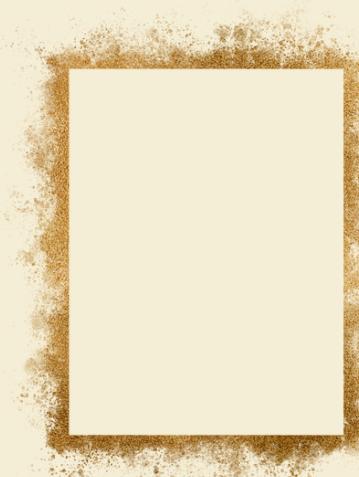
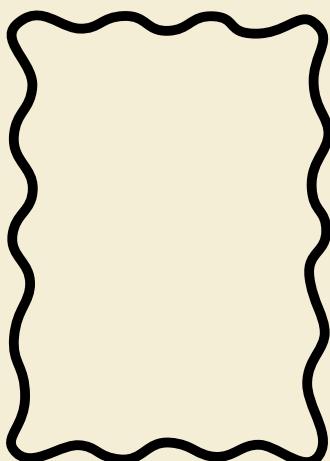
Nem toda pintura precisa de tela. Nem todo quadro cabe numa parede. Há imagens que só existem dentro de nós: nas memórias embaralhadas, nos sonhos mal contados, nos trechos de livros que nos atravessam em silêncio. Esta é uma galeria invisível: feita de cenas que nunca foram pintadas, mas que continuam a pulsar.

I. O Quadro da Infância que Não Voltou

Uma bicicleta encostada num muro laranja. Uma camiseta esquecida no varal. Um sol de fim de tarde batendo num portão meio aberto. Essa pintura não tem autor. Mas é vista todas as vezes que você pensa no tempo que já passou.

II. O Quadro que um Livro Pintou

Era uma cena qualquer num parágrafo sem pretensão: uma mulher na janela, segurando uma xícara de chá. Mas sua mente transformou em pintura. A luz entrava de lado, havia poeira no ar, e o olhar dela não estava em nada. Estava no que faltava.



III. O Quadro que o Sonho Escondeu

O fundo era verde escuro, quase floresta. No centro, um espelho oval refletia algo que não se via. Uma cadeira virada, uma sombra com asas, um pé descalço saindo da moldura. Era um quadro sonhado, esquecido ao acordar. Mas a sensação dele ficou.

IV. O Quadro que Você Ainda Vai Ver

Um vulto atravessando um campo ao entardecer. Ao fundo, uma casa que você nunca conheceu, mas sente falta. Um animal parado, observando. Chão de folhas secas. Cor de não-dito. Esse quadro ainda está por vir. Talvez você o veja um dia, talvez o escreva.

Estes quadros não têm moldura porque não precisam. São pinturas da consciência. Nascem do encontro entre o que lemos e o que sentimos. E só existem quando você fecha os olhos.

O Livro Como Objeto Ritual

Um livro não é apenas um conjunto de palavras encadernadas.

Ele é também peso, textura, cheiro, tempo. É objeto de passagem. Um livro não se entrega de uma vez só: ele exige toque, escuta, entrega. Por isso, talvez ele se pareça mais com um ritual do que com uma simples leitura.

Abrir um livro é como abrir um altar: ali dentro moram vozes, memórias, desejos que não são só seus. Cada página virada é um gesto, quase um feitiço. Cada releitura, uma invocação.

Há livros que nos escolhem. Que nos esperam. Que permanecem fechados por anos, até que um dia, ao acaso ou ao destino, caem em nossas mãos como se dissesse: agora. Ler é também deixar-se atravessar. Permitir que o que está fora entre. Que a palavra escrita se torne palavra sentida. É um ato de escuta lenta. De presença.

E quando o livro termina, ele não se encerra. Ele repousa. Permanece vibrando em algum lugar da cabeceira, do peito, da estante. Como um amuleto discreto, um fragmento de rito.

Que esta edição também seja isso: um objeto ritual. Não apenas algo que você leu, mas algo que você sentiu passar por você. E que continue vibrando, mesmo em silêncio, mesmo depois do fim.



CURADORIA DA MATRONA

Uma iniciativa de Atramentis Vivas.

A cada seis meses, uma artista é escolhida.

Não por algoritmos. Não por concursos. Mas por olho, alma e intenção.

Ela é acolhida sob o manto da Matrona.

Recebe um apoio financeiro de R\$2.000 – gesto concreto de confiança e incentivo.

Recebe também espaço: uma publicação especial na revista, com entrevista, obras e voz.

Recebe visibilidade: será apresentada em nossas redes, com carinho e constância.

Recebe presença: uma conversa curatorial, um olhar, uma escuta.

Recebe tempo.

A Curadoria da Matrona é um ato de sustento artístico.

Não se propõe a resolver, mas a nutrir.

Apostamos em artistas que estão em meio à travessia – com talento, desejo e coragem.

Não há inscrições. A escolha é íntima, orgânica, viva.

O critério é o encantamento.

Mais detalhes na próxima Atramentis.

Encerramento: O Último Traço

Se chegamos ao fim, é apenas para lembrar que toda obra continua no olhar de quem a recebe. Esta edição foi uma travessia entre palavras que tocam, imagens que falam e silêncios que dizem.

Talvez você tenha lido com os olhos, talvez com a pele, talvez com a memória. Não importa — o essencial é que algo permaneça.

Nos despedimos como quem fecha um caderno ainda em branco nas últimas páginas. Há mais para vir. E quando vier, esperamos que você esteja com os sentidos abertos.

Até a próxima dobra do papel.

A Editora

